



ISSN: 2447-5580

Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/BJPE/index>



ARTIGO ORIGINAL

OPEN ACCESS

# APOSENTADORIA NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE OS HORIZONTES DA POPULAÇÃO PRODUTIVA

## *RETIREMENT IN BRAZIL: A REFLECTION ON THE HORIZONS OF THE PRODUCTIVE POPULATION*

**Bruna de Oliveira Santos Pinto<sup>1\*</sup>; João Batista Lopes Coelho-Júnior<sup>2</sup>; Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Departamento de Engenharia e Gestão da Faculdade União Araruama de Ensino, Rua Baster Pilar, 521, Parque Hotel, Araruama, RJ.

<sup>2</sup> Departamento de Ciências da Fundação Educacional da Região dos Lagos – Ferlagos, Av. Júlia Kubitschek - Jardim Flamboyant, Cabo Frio, RJ.

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, Bloco N, Sala 413, Gragoatá, Niterói, RJ

\* brunaopinto@gmail.com

### ARTIGO INFO.

Recebido em: 31/10/2018

Aprovado em: 14/11/2018

Disponibilizado em:

#### PALAVRAS-CHAVE:

Aposentadoria, Trajetória de vida, sustentabilidade.

#### KEYWORDS:

Retirement, Life trajectory, sustainability.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to think about the uncertainties of the universe of pensions in the contemporary world, reflecting on how the retirement of the labor field can be configured as a challenge for the individuals and the productive processes. To raise this debate, in the first moment, the the contemporary work/retirement scenario, drawing the main challenges of this moment. In the second topic, we discuss the aging of the population and how these data can impact work and retirement in the future.

Copyright © 2018, Pinto et al. Esta obra está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso.

\*Autor Correspondente: Bruna Pinto

### RESUMO

O objetivo deste artigo é pensar as incertezas do universo das aposentadorias na contemporaneidade, refletindo sobre como a retirada do campo de trabalho poderá se configurar como um desafio para os indivíduos e os processos produtivos. Para levantar este debate, em primeiro momento, apresenta-se o cenário do trabalho/aposentadoria na contemporaneidade, desenhando os principais desafios deste momento. No segundo tópico, discorre-se sobre o envelhecimento da população e como esses dados podem impactar o trabalho e a aposentadoria no futuro.

Citação (APA): PINTO, B. O. S.; COELHO-JÚNIOR, J.B.L & CARRETEIRO, T. C. O. C. (2019). Aposentadoria no brasil: uma reflexão sobre os horizontes da população produtiva. *Brazilian Journal of Production Engineering*, 5(2): 20-30.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. **Brazilian Journal of Production Engineering**, São Mateus, Editora UFES/CEUNES/DETEC.

## INTRODUÇÃO

As modalidades do trabalho e suas formas, as expectativas que lhe são atribuídas têm contribuído para que seu sentido se modifique ao longo da história. Na Grécia antiga, o trabalho era designado aos escravos, já que aos que eram considerados cidadãos cabiam exercitar a razão e o pensamento na vida da polis (Méda, 1996). O lugar compelido ao trabalho era de sofrimento, e é posto através do próprio significado da palavra, que tem sua origem do termo romano *tripalium*, ou seja, instrumento de tortura (Lhuilier, 2006).

O sentido do termo se modifica, e o seu lugar nas relações sociais também. Surge a produção artesanal e a produção do lucro, e no século XVIII, o trabalho passa a “enobrecer o homem” (Gondar, 1990). Começa a ganhar contornos de “integrador” (Barel, 1985) a partir da Revolução Industrial, onde passa a ser considerado como um importante definidor da significação social dos indivíduos, tornando-se o princípio que organiza a vida das pessoas, que as integra na coletividade e mantém a sociedade unida:

A primeira revolução industrial e o advento do individualismo começam a modelar o cenário que permite ao trabalho tornar-se, na afirmação de Yves Barel (1985), o “grande integrador” social. Ele passa a ser o princípio ordenador na organização concreta da vida dos indivíduos. Possibilita que a sociedade permaneça unida, seja conferindo um sentido ao trabalho, seja criando sentidos em outros lugares (junto à família, à vizinhança, e ao grupo de pares) (Carreteiro, Barros, 2011.)

Já na contemporaneidade, o trabalho ganha novos contornos, apresentando-se de maneira multiforme. Há uma fragilização do seu lugar de poder, de identidade e sentido (Gorz, 1987), o que leva alguns autores a afirmarem sua fragilidade enquanto categoria central, devido as grandes transformações acontecidas. O trabalho não ocuparia mais o lugar de “grande integrador” (Barel, op.cit.), embora ainda não houvesse outra categoria que o substituísse.

Há também autores que afirmam o trabalho enquanto “o fundamento do vínculo social” (Méda, 1995). Para eles são muitos os elementos que fundamentam esta afirmação: o trabalho permitiria a aprendizagem da vida social, a constituição de identidades, possibilita o acesso às normas sociais e estabelece a relação contribuição/retribuição no qual depõe-se o laço social (Méda, op.cit). Estes autores pensam a nova configuração laboral como o estabelecimento de novas relações e não como o seu aniquilamento. (Antunes, 2000; Castel, 1995).

A aposentadoria passa por um processo semelhante. Se antes tinha regras mais consistentes em relação a esta, hoje a instabilidade vivida no mundo de trabalho tem, conseqüentemente, repercussão neste processo. Alguns acreditam que nunca conseguirão obtê-la, já que contínuas mudanças de regras de tempos em tempos postergam a saída do cenário do trabalho. Outros acreditam que não podem viver do valor mensal recebido e elaboram estratégias para complementar a renda; há ainda aqueles que não querem sair da cena laboral (Felix, 2016).

Planejar como se dará a saída do cenário laboral, logo, está cada mais difícil. A flexibilidade vivida no campo de trabalho parece se impor no projeto de aposentadoria, fazendo com que as pessoas se sintam inseguras de retirar-se totalmente do campo de trabalho para se aposentar, e não ter não só as mesmas condições de vida, como também não se verem reconhecidas socialmente. É comum a construção de projetos mistos, com pessoas apostando na previdência pública, como também na previdência privada e em outras fontes de renda, como em pequenos negócios.

#### **A SUSTENTABILIDADE DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO: TEREMOS UMA MASSA IDOSA DE TRABALHADORES?**

Outro aspecto importante é pensar como a dinâmica populacional poderá refletir nas relações de trabalho futuras e até mesmo, na organização dos processos de produção. Dados do IBGE (2018) apontam para um envelhecimento galopante da população brasileira. O número de idosos cresceu 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. De acordo com o levantamento, o país tinha 28 milhões de idosos em 2017, o que representaria 13,5% do total da população. Em dez anos, estima-se que esta população seja de 38,5 milhões (17,4% do total de habitantes). Em 2042, a projeção é de que a população brasileira atinja 232,5 milhões de habitantes, sendo 57 milhões de idosos (24,5%), um aumento significativo. O mesmo estudo detalha que em 2031, o número de idosos (43,2 milhões) vai superar pela primeira vez o número de crianças e adolescentes, de 0 a 14 anos (42,3 milhões). Antes de 2050, os idosos já serão um grupo maior do que a parcela da população com idade entre 40 e 59 anos.

Acrescido a estes dados, há também a perspectiva de uma população que cresce cada vez menos. O mesmo estudo estima que, a partir de 2060, o número de habitantes começa a cair lentamente. Isso também relacionado a uma taxa de fecundidade gradativamente mais baixa, segundo as estimativas do instituto. Hoje, é de 1,77 filho por mulher. Em 2060, o número médio de filhos por mulher será de 1,66.



Outro dado relevante para pensar a dinâmica da população e seu impacto nos processos de produção é a expectativa de vida. O desenvolvimento econômico e social promoveu um acréscimo importante de anos vividos pela população, como destaca este estudo do IPEA:

“Um ganho inequívoco da transição demográfica foi que a expectativa de vida média da população mundial dobrou em 100 anos, passando de cerca de 30 anos, em 1900, para mais de 60 anos, em 2000. Nunca, na história da humanidade, uma melhora das condições de saúde dessa magnitude havia acontecido e, provavelmente, muito dificilmente a esperança de vida vai dobrar novamente no período de um século.” ALVES, DINIZ; VASCONCELOS, SANTANA, D. ALVES DE CARVALHO, A.; (2010)

O aumento significativo da expectativa de vida da população contribui para analisarmos as possibilidades de termos trabalhadores cada vez mais idosos. Devemos considerar também que a tecnologia substituirá muitos trabalhadores, embora ainda não haja certezas sobre este cenário no futuro. Mesmos para aqueles que hoje estão no mercado, é difícil prever como se preparar ou preparar seus trabalhadores para o futuro.

“Uma pesquisa da Deloitte feita com 1,6 mil presidentes de grandes companhias em 19 países - incluindo 102 no Brasil - e divulgada em abril mostrou que 86% dos CEOs acreditam estar fazendo "tudo o que podem" para criar uma força de trabalho para a "quarta revolução industrial". Mesmo assim, apenas um quarto do total disse estar confiante de que seu quadro de funcionários tenha a composição e as habilidades necessárias para o futuro.”

Parte desta insegurança se dá também por não se ter clareza nas previsões sobre o impacto da tecnologia no campo do trabalho e como ela pode vir a substituir a mão de obra humana ou ainda, auxiliá-la nos processos de produção.

Este cenário de incertezas e de claro envelhecimento da população nos leva a refletir sobre as possibilidades de aposentadoria no futuro e também: como manter estes indivíduos na ativa por tanto tempo, já que há uma tendência maior para que continuem trabalhando? Como manter as produções com esta nova força trabalhadora? É possível que tenhamos um grande número de trabalhadores acima dos 65 anos e este grupo ainda terá de lidar com postos de trabalho que vivem constantes mudanças devido ao avanço da tecnologia.

## A HETEROGENEIDADE DA APOSENTADORIA



A partir dos dados expostos, podemos hipotetizar que pensar na aposentadoria como a retirada do mercado de trabalho pode ser, no futuro, uma realidade distante. Este sentido tem tendência a ser cada vez mais polissêmico: alguns se aposentarão e escolherão trabalhos com que mais se identificam; outros, possivelmente, se dedicarão ao trabalho mas em uma carga horária menor, apenas para completar sua renda.

E hoje já vivemos esta realidade: todas estas configurações são possíveis porque, entre outras coisas, a crise econômica não possibilita que grande parte da população viva apenas da remuneração da aposentadoria. De acordo com pesquisa divulgada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), mais de um terço das pessoas acima de 60 anos que já estão aposentadas no Brasil continuam trabalhando (cerca de 33,9%). Considerando os aposentados que tem entre 60 e 70 anos, o percentual dos que trabalham sobe para 42,3%. Dentre os entrevistados, 46,9% afirmam que a aposentadoria não é suficiente para pagar as contas.

Esta mesma pesquisa aponta que há ainda um grupo importante de pessoas que continuam no trabalho por inserção social ou ocupação. 23,2% dizem que continuam no mercado para manter a mente ocupada e 18,7%, para se sentirem mais produtivos. Estes dados nos permitem pensar o lugar social do trabalho na atualidade. O trabalho ainda é uma via importante de reconhecimento, identidade e inserção social. Permite que o trabalhador se sinta pertencido a um grupo:

“Há duas vias principais para o acabamento da identidade do ser humano: de um lado a conquista da identidade no campo erótico e do amor; do outro, a conquista da identidade no campo social” (Dejours: 2001)

Neste sentido, sair do cenário do trabalho está relacionado não somente com aspectos econômicos, mas com uma vivência social importante. Significa que o trabalhador deverá se inserir em outros espaços com os quais possa se identificar e sentir-se reconhecido.

Devido a toda esta multiplicidade de incertezas que atingem o tema aposentadoria, algumas empresas têm investido em propostas para preparar seus trabalhadores para este momento. Alguns chamam este projeto de pré-aposentadoria, outro de pós-carreira, já que muitos continuam no mercado, mesmo de forma diferenciada.

“Para que a transição trabalho-aposentadoria seja efetivada de maneira mais tranquila, é fundamental que sejam propostos programas de preparação para a aposentadoria nas organizações, enquanto planejamento para o futuro” (França, 2002).



A principal preocupação destes projetos é pensar na saúde do trabalhador que vive esta fase e estruturar planos para vivê-la de forma sustentável, além de possibilitar estabelecer projetos de vida em que se continue trabalhando, se isso for interessante e viável. Porém, infelizmente, ainda são poucos o que investem neste tipo de ação.

O PPA (Programas de Preparação para a Aposentadoria) facilita o bem-estar dos futuros aposentados, pois enfatiza os aspectos positivos e oportuniza a reflexão sobre os aspectos negativos da transição, bem como a discussão de alternativas para lidar com eles. É a oportunidade para receber informações e para a adoção de práticas e estilos de vida que promovam a saúde. É também o momento para (re)construir o projeto de vida a curto, médio e longo prazos, priorizando os seus interesses e as atitudes que precisa tomar para realizar seus projetos pessoais e familiares (FRANÇA, L. H. F. P. SOARES, D.H.P. 2009)

Estabelecer um projeto de vida pós aposentadoria é importante para que este trabalhador possa viver este momento de forma segura e saudável. O bem-estar do aposentado é essencial para a sociedade, já que evita o adoecimento desta população. Isto influencia também os serviços de saúde e assistência, o que acaba impactando a economia.

Embora reconheçam a importância deste trabalho, ainda são poucas as empresas que investem nestes programas. Segundo França (2008) em uma investigação realizada com 320 organizações brasileiras, apenas 18% adotavam o PPA, ainda que muitos dos seus principais executivos (75%) tenham admitido que esses programas eram importantes para os trabalhadores.

#### **APOSENTADORIA E ENVELHECIMENTO: O DESPERTAR PARA UMA NOVA FASE DA VIDA**

Em alguns aspectos, a aposentadoria é vivida como uma espécie de rito, que confronta o sujeito com o envelhecimento. Até os termos utilizados para estabelecer a situação de trabalho, “ativo” e “inativo”, podem ter múltiplas significações para aquele que vive este momento. “Na época contemporânea, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social.”(BULLA, L.C. KAEFER, C. O. 2003, pág. 02)

A vivência do envelhecimento é muito heterogênea, pois nem todos passaram pelas mesmas vivências ao longo da vida e logo, não viverão da mesma forma o processo de



envelhecimento. Os valores associados a este momento dependem de fatores culturais e de experiências de vida, que sempre serão múltiplas e singulares:

É importante, portanto, compreender o idoso em suas diversas formas de ser, respeitando suas maneiras de viver, pois o fato de determinadas pessoas estarem em uma mesma faixa etária não significa que tenham passado pelas mesmas vivências e que apresentem as mesmas características e necessidades. (BULLA, L.C. 2003, pág. 04)

A sociedade brasileira valoriza o que é novo, produtivo, eficiente e o idoso acaba sendo relegado a um lugar desprivilegiado. A maior parte dos postos de trabalho são pensados para os mais jovens e a experiência no exercício das atividades embora tenha seu lugar, nem sempre é mais apreciada do que a novidade que representa um trabalhador jovem, recém-formado, em uma sociedade ávida por inovação:

Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existe produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda. (SCHNEIDER, R H, IRIGARAY, T. Q., 2008, pág.4)

Para uma parcela grande da população, retirar-se das atividades laborais é reconhecer seu envelhecimento e receber desta sociedade, o título de inativo. Muitos apresentam depressão e tentam voltar para o mercado, mas não conseguem se inserir da mesma forma que outrora. Outros, sequer tentam sair por receio do isolamento social. Em uma sociedade que preza os padrões de consumo e de produtividade, estar fora das linhas de produção pode significar exclusão:

O ser humano cresce preparando-se para o trabalho e necessita dele, não só por uma questão de sustentabilidade, como de crescimento pessoal. Para o homem, o trabalho representa a própria vida, ainda mais em uma sociedade capitalista em que o homem sem trabalho é considerado improdutivo, sendo excluído socialmente. (BULLA, L.C. 2003, pág. 5)

Diante de toda a complexidade vivida por este grupo, o Brasil ainda apresenta poucas ações que objetivem o cuidado com esta população, que muitas vezes adoce até mesmo pelo cotidiano de trabalho. Os programas para refletir sobre velhice são precários ou inexistentes, os serviços de saúde pública funcionam mal em muitas regiões e mesmo no âmbito privado, são ineficientes.



O mercado precisa também ter uma aposta em relação a reinserção desta população. A reintegração deste grupo no trabalho tende a ser gradualmente maior e em momentos de crise financeira, esse cenário se agrava, visto que há diminuição de postos de trabalho para toda a população. Se considerarmos a já citada dinâmica populacional, é preciso incrementos de ações neste sentido. Para que o envelhecimento seja visto como uma conquista, faz-se necessário garantir a empregabilidade, valorização, saúde e amparo social para este importante segmento da população.

## CONCLUSÃO

A partir de pesquisas anteriores (Pinto, 2014), constatamos que o trabalho continua tendo uma dimensão de integração e de centralidade na vida das pessoas, apesar de todo o contexto de fragilização que tem presenciado (Antunes, R.: 2000; Gaulejac, V. e Hannique, F.: 2015; Carreiro & Barros, 2011). Ele contribui ao desenvolvimento da sociedade e participa na inscrição dos indivíduos em posições que podem ser mais ou menos valorizadas, de acordo com o reconhecimento social pelas funções exercidas e pelos capitais econômicos, culturais e sociais que lhe são associados.

Logo, pensar o tema aposentadoria é tão complexo quanto pensar o trabalho. Há uma pluralidade de estratégias para viver este momento: muitos passam a dedicar-se a outras atividades; há os que continuam trabalhando e aqueles exercem suas funções, apenas de forma menos intensa, entre outros. Todos os casos são atravessados por aspectos econômicos, sociais, de reconhecimento e valorização, que compõem este cenário tão multifacetado.

Há ainda outros aspectos determinantes para pensar a aposentadoria: a população brasileira sofre um processo de envelhecimento e queda da natalidade, o que levará os segmentos populacionais cada vez mais idosos aos postos de trabalho no futuro. É possível que, por questões econômicas e de expectativa de vida, a aposentadoria seja uma realidade mais distante para os brasileiros que hoje trabalham.

Apesar deste previsível aumento no número de idosos trabalhando, o Brasil ainda não investe em políticas e ações que preparem a população para esta realidade. Os serviços de saúde são precários, há pouco investimento na assistência a população idosa de hoje e nas que serão idosas no futuro e nossas instituições de educação não problematizam o envelhecimento como



uma conquista. Há ainda pouco incremento para programas que busquem trabalhar projetos de vida com idosos e jovens, para pensar toda esta complexidade.

Existe ainda pouco investimento das empresas em programas de planejamento de aposentadoria, o que poderia impactar o modo como os indivíduos a vivem. Estabelecer estratégias, buscar alternativas econômicas em caso de perda de rendimentos e construir formas de inserção social para estes trabalhadores ao saírem do cotidiano de suas funções poderia gerar benefícios à saúde física e mental destes sujeitos.

Há ainda fatores culturais que contribuem para a desvalorização do idoso no Brasil contemporâneo. Adjetivos como “velho” e “inativo” são pejorativos em uma sociedade que preza pelo novo, pela alta produtividade e que busca constantemente a inovação. Faz-se necessário construir uma nova forma de ver o idoso neste contexto, buscando a valorização de sua história de vida e experiência de trabalho.

Pensar a sustentabilidade dos processos de produção é também pensar na futura população idosa. É preciso a formulação de políticas institucionais que preparem os trabalhadores para uma longa estadia na produção e que impactem seus processos de envelhecimento de maneira positiva, além de ressignificar o que é ser idoso.

Cuidar da população idosa da atualidade também nos leva a ter uma melhor perspectiva sobre o envelhecimento que todos nós já vivemos

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D.; VASONCELOS, D. S.; CARVALHO, A. A. *Estrutura etária, bônus demográfico e população economicamente ativa no Brasil*; cenários de longo prazo e suas implicações para o mercado de trabalho. Brasília: Textos para discussão. CEPAL – IPEA, 2010. Disponível em:

< [http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs\\_Ipea\\_Cepal/tdcepal\\_010.pdf](http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs_Ipea_Cepal/tdcepal_010.pdf)>

Acesso em: 12 jul. 2018. ISSN: 2179-5495

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho*. São Paulo: Editora Cortez, 2000. 288 p. ISBN: 9788524923142

BAREL, Y. *La Société du vide*, Seuil, Paris: Du seuil, 1985. 271 p.

BULLA, L.C. *Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado*. Textos & Contextos (Online), 2003. Disponível em:



<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/957/737>>

Acesso em: 8 nov. 2018. ISSN: 1677-9509

CARRETEIRO, T. C.; DE BARROS, V. A. Clínicas do trabalho: contribuições da psicossociologia no Brasil. In. P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll (orgs.). *Clínicas do trabalho*. São Paulo: Editora Atlas, 2011. ISBN: 9788522460953.

CASTEL, R. *Les metamorphoses de la questionsociale*. Paris: Fayard, 1995.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992. 158 p. ISBN: 8524901012.

FELIX, J. *O idoso e o mercado de trabalho*. Política nacional do idoso: Velhas e novas questões. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Cap.9 p.241-263. ISBN: 9788578112905

FRANÇA, L. H. F. *Repensando a aposentadoria com qualidade – um manual para facilitadores em programas de educação para a aposentadoria*. Rio de Janeiro: Universidade Aberta da Terceira Idade/UnATI/UERJ, 2002. Disponível em:

<<http://www.crde-unati.uerj.br/publicacoes/pubEletronica.asp>>

Acesso em: 2 jul. 2018. ISSN: 1809-9823.

FRANCA, L. H. F. *O desafio da Aposentadoria: O exemplo dos executivos do Brasil e da Nova Zelândia*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2008. v.1. 167 p. ISBN: 8532522688.

FRANÇA, L. H. F.; SOARES, D. H. P. *Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida*. Psicologia: ciência e profissão, v. 29, n. 4, p. 738-751, 2009. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932009000400007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932009000400007&script=sci_abstract&tlng=pt)>

Acesso em: 2 jul. 2018. ISSN: 1414-9893

GAULEJAC, V.; HANIQUE, F. (2015), *Le capitalisme paradoxant*, Paris : Seuil.

GONDAR, J. O. *Tempo do sujeito, tempo da pulsão*. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 24, p. 58-71, 1990. ISSN 2316-6576.

GORZ, A. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 204 p. ISBN: 9788449323591

LHUILIER, D. *Cliniques du travail*. Paris. Ed.1 Editora Érés. 2006. 256 p.



MEDA, D. *Le Travail: une valeur en voie de disparition*, Paris, Aubier, (Alto), 1995. In: *Formation Emploi*. v.2, n.1, p.198-201. 1996. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/102425899600200123>>

Acesso em: 8 nov. 2018. ISSN: 0759-6340.

PINTO, B. *O fenômeno do concurso público: uma análise sobre o Cenário contemporâneo do trabalho*, Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008. ISSN: 1678-4669

---

